



Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades

Ana Loya Administradora da Ray Human Capital

Dizia o poeta “mudam-se os tempos mudam-se as vontades”. Talvez seja verdade. Mas nem sempre. Para lá de qualquer conotação partidária e, independentemente de todos os partidos — no seu ponto de vista — terem ganho todas as eleições, eu diria que não mudaram nem os tempos nem as vontades. Se por um lado a estabilidade é necessária, por outro a falta de mudança faz pensar, implicitamente, que nada muda. Eu diria que, reflectir acerca das prioridades no campo do trabalho para o novo Governo, também não implica a mudança de vontades. Pelo menos no que me diz respeito. Neste espaço de opinião, nos últimos anos, tem-se escrito e debatido, as prioridades laborais e, em Outubro de 2009, estas mantêm-se. Havia um general romano que dizia que lá para o fundo da Península Ibérica havia um

povo que não se governava, nem se deixava governar... e, também a esse respeito, não tem havido grande mudança.

As teorias das organizações e da sociologia levam-me a inferir que, se não mudamos em 1500 anos, talvez não seja agora que o façamos.

Este ano tive oportunidade de presenciar as eleições autárquicas numa pequena freguesia do interior de Portugal. As animosidades que observei e as infracções,

cometidas e aceites já tradicionalmente, mostraram-me que, no meio rural e no meio urbano as eleições autárquicas parecem diferentes. Como se fosse um sistema de troca de favores. Como se se

tratasse de questões de lealdade e de traições de vizinhos. Pensei no distanciamento que na cidade existe das pessoas que constituem as listas. E, numa primeira análise, pareceu-me bem diferente.

No rescaldo das eleições e, exceptuando o caso de Felgueiras que, esse sim, me pareceu um sintoma de mudança de vontade e portanto um sintoma de mudança, caíram-me em cima os casos de autarcas eleitos e reeleitos não obstante se encontrarem em processos judiciais graves.

E, aí, o campo e a cidade aproximaram-se. Prevalece a troca de favores, as animosidades, o estar acima da lei. O pior é que não há bodes expiatórios porque, nestas coisas, quem manda são os eleitores. E o facto de metade do país não votar, significa precisamente isso: Tanto faz. Dizia ainda o poeta que “se todo o mundo é composto de mudança, troquemos-lhe as voltas que ainda o dia é uma criança”.

Talvez seja esta a estratégia dos portugueses. Trocar as voltas à democracia para ver se ela volta a ser criança e possa voltar a crescer de modo a poder passar de vez a crise da adolescência.

Com isto tudo, no que respeita às prioridades para o emprego e o trabalho, não há nada de novo a dizer. E, no que me diz respeito, também não mudou a minha vontade de mudança em todos os pontos que aqui referi nos últimos anos, relacionados com o sistema educativo e formativo, o apoio aos empregadores, às alterações das leis sobre o trabalho. Até porque, como dizia o general romano há 1500 anos e um governante português há muito menos tempo, corremos o risco de ficar “orgulhosamente só” aqui no canto da jangada de pedra.